

# Importâncias, divergências e continuidade das presenças materna e paterna no amadurecimento do indivíduo a partir da dinâmica do reconhecimento

*Importances, divergences and continuity of the individual's maternal and paternal presence from the dynamics of recognition*

*Importancias, divergencias y continuidad de la presencia materna y paterna del individuo desde la dinámica del reconocimiento*

---

*Stephanie Brum\**

*Carlos Augusto Peixoto Junior\*\**

## **Resumo**

No presente artigo nos propomos a traçar uma delimitação do amadurecimento emocional primitivo a partir da dinâmica do reconhecimento. Para tal, o foco de nossas ponderações terá por base o pensamento da escola de relações objetais em psicanálise. Assim sendo, nos dedicaremos particularmente ao estudo das diferenças entre as presenças materna e paterna como dotadas de funcionalidades distintas ao longo do processo de amadurecimento. O processo de amadurecimento psíquico que nos propomos estudar aqui se inicia a partir da construção inicial de uma dinâmica das semelhanças a partir da presença materna para que, posteriormente, possa ser introduzida a dinâmica das diferenças a partir da presença paterna. Esse percurso culminará na capacidade de ser no mundo, apreendendo-o como ambiente que poderá ser (co)construído e habitado.

**Palavras-chave:** Reconhecimento. Mutualidade. Presença materna. Presença paterna.

## **Abstract**

*In the present article we propose to draw a delimitation of primitive emotional maturation from the dynamics of recognition. To this end, the focus of our considerations will be based on the thinking*

---

\* Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo de Estudos de Pesquisa Nebulosa Marginal. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. stephanie-brum@hotmail.com

\*\* Psicólogo e Psicanalista. Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. cpeixotojr@terra.com.br

*of the object relations school in psychoanalysis. Therefore, we will dedicate ourselves particularly to the study of the differences between maternal and paternal presences as they have different functionalities throughout the maturation process. The process of psychic maturation that we propose to study here starts from the initial construction of a dynamics of similarities from the maternal presence so that, later, the dynamics of differences can be introduced from the paternal presence. This path will culminate in the ability to be in the world, apprehending it as an environment that can be (co)built and inhabited.*

**Keywords:** Recognition. Mutuality. Maternal presence. Paternal presence.

### **Resumen**

*En el presente artículo nos proponemos trazar una delimitación de la maduración emocional primitiva a partir de la dinámica del reconocimiento. Para ello, el foco de nuestras consideraciones se basará en el pensamiento de la escuela de relaciones de objeto en psicoanálisis. Por ello, nos dedicaremos particularmente al estudio de las diferencias entre las presencias materna y paterna ya que tienen funcionalidades diferentes a lo largo del proceso de maduración. El proceso de maduración psíquica que nos proponemos estudiar aquí parte de la construcción inicial de una dinámica de semejanzas desde la presencia materna para, posteriormente, poder introducir la dinámica de las diferencias desde la presencia paterna. Este camino culminará en la capacidad de estar en el mundo, aprehendiéndolo como un entorno que puede ser (co)construido y habitado.*

**Palabras clave:** Reconocimiento. Mutualidad. Presencia materno. Presencia paterno.

## Introdução

A complexificação da clínica psicanalítica para o atendimento de casos para além do modelo neurótico vem reverberando no desenvolvimento da teoria e da técnica a fim de dar conta das formas de sofrimento que não se inscrevem a partir do modelo proposto pela psicanálise clássica. A observação de estados regredidos, não apenas em termos de conteúdos e libido, mas como forma de expressão atuada e refletida afetivamente na transferência estabelecida com o analista leva Ferenczi (1931/2011) a propor a construção de um canal comunicativo da criança sofrida que se foi com o analista/ambiente. A partir da atenção e dos impactos na vida adulta – atribuídos pelo psicanalista húngaro – de conteúdos e vivências infantis, os eventos e as vinculações inicialmente estabelecidas passam a ser valoradas. Nesse contexto, ocorre a saída de uma perspectiva falocêntrica, na qual antes imperava a potência constitutiva ao lugar do pai, e um direcionamento para uma perspectiva pautada no acolhimento, cuidado e adaptação próprios ao lugar ocupado pela mãe. Essa reconfiguração da dinâmica constitutiva impacta diretamente nas formas de entendimento dos papéis que serão exercidos por cada uma das presenças, materna e paterna em termos de importância, impactos e presença ao longo da contínua jornada de amadurecimento. Nesse ponto, somos direcionados em nossos estudos para a escola das relações objetais em psicanálise, a fim de entendermos os impactos das dinâmicas dos encontros estabelecidos em fases distintas do amadurecimento e seu papel na formação do indivíduo a partir da dinâmica do reconhecimento. Nossa utilização do termo reconhecimento seguirá tanto a proposta dinâmica construída pelos autores da escola das relações de objeto em psicanálise como também as contribuições da psicanalista norte-americana Jessica Benjamin. Para tal, nos utilizaremos dos termos *presença materna* e *presença paterna* ao longo do presente artigo. A escolha por estes termos se dá na tentativa de ilustrar os encontros do bebê em formação com duas figuras de cuidado distintas, traçando as linhas de divergências e continuidade com cada uma das figuras de cuidado e a importância da presença de ambas, cada qual assumindo lugares específicos na constituição subjetiva a partir da dinâmica do reconhecimento.

Tendo isso em vista, nos propomos no presente artigo a desdobrar a importância tanto da maternagem quanto da paternagem no amadurecimento do indivíduo a partir da dinâmica do reconhecimento. Vale destacar que nos referiremos a mãe e pai como lugares de cuidado e referência, cada qual dotado de suas particularidades, podendo estas relações ser estabelecidas em sua es-

pecificidade não apenas com os genitores do infante, mas figuras que venham a substituí-los em seus papéis. O que buscaremos ressaltar é, de forma ilustrativa, um paralelo entre amadurecimento emocional primitivo e dinâmica do reconhecimento. A partir deste, defenderemos a ideia de uma passagem natural do campo das semelhanças para o campo das diferenças, a partir da qual o indivíduo irá constituir-se como um si-mesmo particular capaz de habitar e desejar o mundo compartilhado. Para tal, nos utilizaremos de uma perspectiva que, apesar de seguir as linhas de uma descentralização da figura do pai – inaugurada por Ferenczi – se propõe a traçar uma continuidade entre o reconhecimento próprio ao lugar ocupado pela mãe e o reconhecimento proveniente do lugar ocupado pelo pai levando em consideração os diferentes estágios do amadurecimento do indivíduo propostos por Winnicott – dependência absoluta, dependência relativa e dependência mínima. Mas afinal, o que entendemos por uma dinâmica do reconhecimento na constituição subjetiva?

Ao nos propormos a trabalhar a constituição subjetiva a partir de uma dinâmica do reconhecimento estamos abrindo caminho para pensar o campo psicanalítico a partir de um modelo intersubjetivo. Neste, torna-se fundamental considerar como parte da equação ambas as figuras que participarão da relação a ser estabelecida, em suas complexidades e particularidades que não têm como ser deixadas de lado e se afetam e constituem mutuamente. Assim, a dinâmica do reconhecimento conta com uma via de mão-dupla a partir da qual a espontaneidade do indivíduo é apresentada ao outro que, ao reconhecê-la realiza um ato de afirmação do si-mesmo em construção. Este ato, por sua vez, não apenas reflete ao indivíduo em formação sua expressão no mundo, mas os impactos que esta é capaz de promover no outro e a forma como é percebido. A dinâmica do reconhecimento se inscreve a partir da possibilidade de ver-se espelhado no olhar de um outro específico dotado de uma historicidade e afetividade que lhe são próprias (WINNICOTT, 1967/2019).

Afirmamos o reconhecimento como um movimento bilateral a partir do qual os limites da relação são definidos, ao mesmo tempo que promovem mudanças nos indivíduos referidos a essa dinâmica que se constrói. Desta forma, temos o reconhecimento como ferramenta fundamental no movimento de co-criação do si-mesmo e as formas que ele tomará, se dando assim de maneira mútua. Além disso, é através da dinâmica do reconhecimento que o indivíduo poderá conhecer o mundo e os objetos que o compõem. Nesta linha, Honneth (2006/2018) afirma que o reconhecimento precede o conhecimento, uma vez que o indivíduo deve ser capaz de reconhecer o mundo e seus objetos para que só então seja capaz de conhecê-los de maneira objetiva.

Seguindo esta linha nos baseamos nas considerações de Jessica Benjamin (1988/1996), que afirma o reconhecimento como promotor de um paradoxo. Se, por um lado, o reconhecimento se enuncia como a resposta do outro às expressões do sujeito, dando-lhes significado e importância tanto aos eventos quanto aos afetos e assim possibilitando que o sujeito se reconheça como autor de suas ações; por outro, o reconhecimento se apresenta como um movimento duplo, ou seja, só é possível ser reconhecido por um sujeito a quem se pode também reconhecer.

Trazendo estas considerações em paralelo com a jornada de amadurecimento emocional proposta por Winnicott (1945/2021), nos vemos diante de processos fundamentais que não mais se desdobram, inicialmente, a partir de relações triangulares. Em vez disso, somos apresentados à potência criativa que emerge em decorrência de uma dinâmica dual pautada na mutualidade e dualidade. Desta forma, trabalhar a importância do reconhecimento ao longo do amadurecimento individual nos leva aos diferentes papéis que os pais – ou quem quer que os substitua – adquirem ao longo desse processo. Com isso nos vemos diante de duas dinâmicas distintas de reconhecimento, que serão vivenciadas de maneira complementar com cada uma das presenças, materna e paterna. Partiremos então de um terreno que, pautado na mutualidade e dualidade apresenta uma dinâmica de reconhecimento inscrita sobre o terreno das semelhanças, a ser vivenciada no seio da relação que se estabelece com a presença materna. Em seguida, adotando um princípio de continuidade exploraremos o terreno das diferenças, no qual a dinâmica da relação constituída com a presença paterna exerce um movimento de reconhecimento ao indivíduo em formação não apenas de si, mas também do mundo.

## **O relacionamento materno-infantil e a dinâmica das semelhanças**

Ao partirmos de um panorama psicanalítico no qual a constituição subjetiva e as formas como essa se dará impactam não apenas na singularidade do indivíduo, mas também, e principalmente, em seus diversos modos de ser e estar no mundo, a vinculação estabelecida com a presença materna é dotada de grande destaque. Para fins de nossas considerações vale destacar que nos centraremos no papel exercido pela mãe – ou seus substitutos –, entendendo esta como um sujeito já integrado que é capaz de dedicar-se adaptativamente ao cuidado do vir a ser de maneira viva e presente. A partir desta primeira figura de cuidado, dotada de um arranjo ambiental atribuído à mãe, acreditamos poder adentrar

o terreno da constituição subjetiva do bebê por uma via distinta da usual.

Com isso destacamos o entendimento do movimento de integração como proveniente do alcance gradual da capacidade do sujeito em formação de reconhecer o mundo à sua volta e ser também reconhecido por este. Essa perspectiva difere de uma usual construção de um movimento de separação entre sujeito e ambiente, propondo uma ideia de paradoxo. *Ao reconhecer o mundo como algo distinto de mim, reconheço a mim mesmo como ser individual e passo a existir separadamente deste.* Levando isso em consideração, devemos analisar a relação primordial que se estabelece com a presença materna como aquela que ocupa o lugar do primeiro objeto disponível a reconhecer as necessidades e expressão espontânea do infante e satisfazê-las. Por outro lado, o estado de ambiência inicial promovido por uma presença viva, capaz de adaptar-se como meio maleável, permite também que o infante seja capaz de reconhecer a figura de cuidado como objeto com o qual é possível se relacionar. Afinal, o entendimento de um ambiente que, apesar de adaptado carrega e expressa suas particularidades juntamente com sua ambiência, nos leva a pensar em uma vinculação que já carrega consigo as ferramentas necessárias à construção de relações posteriores, que se tornarão possíveis diante do reconhecimento de ambas as figuras como distintas uma da outra. Tal ponto confere ao reconhecimento um lugar de destaque no próprio processo de individuação. “A negação da subjetividade da mãe, na teoria e na prática, impede profundamente nossa capacidade de ver o mundo como habitado por sujeitos iguais” (BENJAMIN, 1995, p. 31, tradução nossa).

Ao levarmos isso em consideração, somos direcionados a um panorama intersubjetivo, a partir do qual uma mudança de perspectiva sobre a própria constituição subjetiva torna-se possível, lançando o reconhecimento em um lugar de destaque na contínua jornada rumo ao tornar-se. Benjamin (1995) afirma que usualmente observamos o processo de separação-individuação a partir de um enfoque centrado apenas no indivíduo em formação. Esta angulação nos leva a entender o amadurecimento individual a partir de um movimento progressivo em direção à autonomia e à separação a fim de criar uma dinâmica psíquica própria a partir da internalização do objeto promotor da construção desta independência. Desta forma, a angulação teórica habitual nos leva a conceber a relação do bebê com a presença materna como um objeto, deixando de lado o fato de que esta carrega uma história particular e subjetividade própria com a qual, desde muito cedo o indivíduo estabelece movimentos comunicativos e constrói gradativamente uma relação. Mesmo que o infante não reconheça a si mesmo e ao outro desde os primórdios, a

existência destas figuras como distintas, ao mesmo tempo em que está posta, precisará ser cocriada pelo par.

Nesse contexto, a autora destaca que, costumeiramente, nos deparamos com um panorama infantocêntrico no campo psicanalítico, o que acaba por excluir da dinâmica a atividade presente na interação e respostas maternas que carregam em si traços de sua própria subjetividade, presente mesmo na díade mãe-bebê (BENJAMIN, 1995), além é claro de desejos e um direcionamento à própria vida e integração, mesmo diante do estado de preocupação materna primária. Este último ponto ressalta a importância de a adaptação inicial ao bebê se dar de maneira ambiental através da presença de ao menos mais uma figura capaz de assumir a sustentação psíquica do infante diante da necessidade materna de retirar-se de cena a fim de poder viver sua já adquirida maior integração sem a presença da necessidade adaptativa do bebê que lhe demanda um movimento de amálgama próprio à dualidade. Benjamin (1995) ainda afirma que esta forma de pensar acaba deixando de lado o prazer que pode ser experienciado na própria relação com o infante e não apenas com as relações fantasmáticas estabelecidas, fruto de uma economia pulsional. O *prazer da experiência* (BRUM, 2021), que pode ser vivenciado no seio da relação fala justamente da capacidade de usufruir de algo que é próprio ao indivíduo e seu sentimento de ser um si-mesmo na presença do outro a partir de um movimento interativo capaz de promover um encontro paradoxal consigo mesmo e com o outro, com o qual é possível relacionar-se. Esta forma de prazer é proveniente justamente da possibilidade de experienciar algo próprio no encontro com o outro, vivenciando a reunião entre o interno e o externo sem perder-se neste encontro. Essa perspectiva nos leva a atentar para a importância da dinâmica do prazer na teoria psicanalítica de modo a não restringir a uma dinâmica pulsional, mas entendendo-a como algo referido a um campo relacional, intersubjetivo e constitutivo, a partir do qual o reconhecimento emerge como algo central. Seguindo a linha que propomos, é da capacidade da mãe de sentir prazer no encontro estabelecido com seu bebê que surge a possibilidade do estabelecimento da relação diádica, a partir da qual o cuidador irá se adaptar às necessidades do infante, sendo capaz de reconhecer sua espontaneidade expressa desde muito cedo.

Esta forma de adaptação implica uma disponibilidade quase decifratória que, ao mesmo tempo que percebe, também apresenta ao bebê suas demandas e as cria como fruto do envolvimento que se estabelece no seio da relação. Da mesma forma, é a inserção do bebê em uma relação dual que possibilita que o cuidador confira a atenção necessária para que este movimento de reconheci-

mento comunicativo e constitutivo possa se estabelecer. A díade mãe-bebê representa uma vinculação entre estas duas figuras, uma já suficientemente integrada e capaz de dar o suporte necessário para que a outra, existente em sua potencialidade própria e abertura para o mundo, mas ainda em processo de integração e constituição subjetiva, possa vir a se constituir. Visto isso, a forma de vinculação a partir da dualidade representa as interações que se dão entre estas duas figuras sem que, em um primeiro momento outros sejam reconhecidos pelo bebê para além de sua qualidade ambiental.

Para o bebê, ainda sem uma dimensão de *self* minimamente constituída, a instauração de uma interação a partir do regime diádico se mostra fundamental. Afinal, inicialmente o amadurecimento psíquico se dá inscrito no regime das semelhanças para que posteriormente o registro das diferenças possa ser percebido. Assim, a partir da capacidade de estabelecer relações em um modelo diádico cria-se o espaço necessário ao infante para que ele possa ser reconhecido naquela relação e possa também reconhecer o outro como semelhante a si. O estabelecimento de um reconhecimento de dupla via na díade – na medida em que *reconhece é também reconhecido* – instaura uma dinâmica do reconhecimento a partir da qual o vir a ser segue rumo ao tornar-se. Aqui, nos vemos diante da importância fundamental em termos constitutivos, para ambos os componentes da díade, não apenas do reconhecimento do vir a ser por sua figura de cuidado, mas também da mãe por seu bebê.

Nesta interação dual, constância e continuidade se apresentam como fundamentais para que o indivíduo possa gradativamente formar-se e alcançar um sentimento de si capaz de se auto afirmar (WINNICOTT, 1956/2021). Vale destacar que o reconhecimento aqui não se expressa apenas através da via escópica, mas de maneiras muito mais complexas e principalmente pautadas em uma via corporal da experiência. Ao seguirmos esta linha, o próprio mimetismo corporal passa a ser visto como um movimento de reconhecimento primordial que também direciona o indivíduo ao posterior ingresso no regime das diferenças, uma vez que o próprio jogo de imitações já é na verdade uma brincadeira sobre a criação de si mesmo. “*Eu mimetizo, com minha própria entonação pessoal, a forma como eu sou capaz de reconhecer e apreender o ambiente*”.

Nesse sentido, devemos realizar um breve retorno ao ponto segundo o qual inicialmente a relação entre o infante e a presença materna se inscreve nas linhas da dualidade como relação direta entre duas figuras que não partem de um reconhecimento prévio de si mesmos como distintos e independentes. Esse ponto nos leva a pensar a amálgama indiferenciada winnicottiana por uma outra perspectiva na qual, a não existência inicial do bebê fora da rede de



cuidados maternos se dá na medida em que este só é reconhecido a partir da relação que estabelece com a presença materna. Nesta linha, Benjamin (1988/1996) afirma que a mãe que se sente reconhecida por seu bebê não atua apenas no sentido de projetar sobre este suas próprias vivências, mas que, ao criar dentro de si uma imagem vinculada deste bebê que um dia foi parte dela com o bebê com o qual hoje se depara, torna-se possível traçar uma linha de continuidade fantasmática de quem ele se tornará no futuro. Esse movimento lança a existência do infante em formação em um terreno no qual poderá ser reconhecido como uma pessoa separada de sua figura de cuidado.

Como destacamos no tópico anterior, podemos considerar que desde sempre existem facetas próprias a cada elemento desta dupla. De um lado temos a subjetividade formada da figura que ocupará o lugar de cuidado adaptado da presença materna, do outro, a potencialidade própria ao bebê que fundará seu sentimento de si. A disponibilidade à adaptação se mostra fundamental na medida em que permite que a presença materna seja capaz de prever as necessidades de seu bebê e se adapte a elas. Tal ponto nos leva a considerar esta adaptação tão primordial entre mãe e infante como *uma forma de reconhecimento natural e necessária*, que impactará de maneira constitutiva o amadurecimento do vir a ser. Contudo, é a partir da responsividade do bebê que a mãe começa a percebê-lo como algo separado de si instintivamente ao adaptar-se à sua espontaneidade que já busca expressão. Desta forma, é a vitalidade espontânea do bebê que surge no seio da relação que se estabelece com a mãe que possibilita o movimento de reconhecimento mútuo em um sistema que se retroalimenta ao mesmo tempo em que cria ambas as partes do par.

Neste ponto, a importância da vitalidade surge como norteador da relação. A presença de um ambiente vivo não apenas convoca o infante em formação à vida, mas também lhe apresenta de forma atrativa à sua própria vitalidade. Em termos de mutualidade, a possibilidade de se encontrar inserido em uma relação dual com uma figura viva torna possível a expressão e reconhecimento de nossa própria vitalidade e especificidade. Algo que se mostra fundamental principalmente ao tratarmos de uma relação que se inscreve no regime da semelhança no qual busca-se pontos de ancoragem norteadores sobre os quais o indivíduo se constituirá. Esse movimento se pauta em uma dinâmica na qual, a partir da vinculação com o outro, torna-se possível encontrar uma aproximação com a vida que pulsa dentro de si, constituindo um encontro seguro no qual essa potencialidade de vida pode vir à tona e ser reconhecida em sua especificidade.

A questão da vitalidade nos coloca diante da necessidade de que o bebê seja reivindicado por seu cuidador na esfera desejante. Ou seja, a relação que

será estabelecida deverá se configurar, na saúde, como algo desejado e desejável para que, ao ser convocado ao seu lugar de *ser* psicológico carregue como marca de si este investimento desejante e vivo. Deste modo, entendemos que a relação que será estabelecida entre o infante e a mãe passa a ser vista como um *jogo de apresentação, descoberta e criação*. Apresentação entre um indivíduo e um ser em formação. Descoberta na medida em que a abertura desejante possibilita o reconhecimento das especificidades do outro e assim também dele próprio como figura presente. Criação uma vez que, inseridos na mutualidade própria de uma relação dual que se estabelece na saúde, a dinâmica do reconhecimento se torna ainda mais categórica. Este ponto nos coloca diante de uma faceta fundamental das relações intersubjetivas, a qual se refere ao movimento de mútua criação, desenvolvimento e modificação constante ao qual estamos abertos em nossas relações.

Neste contexto, as relações deixam de se referir apenas ao registro interativo e passam a ocupar um lugar constitutivo. Pensar que o reconhecimento se configura como uma resposta do outro à nossa expressão espontânea assinalando que somos capazes de impactar – o outro, nos coloca diante do reconhecimento não apenas como fruto da interação, mas como *processo basal* no que tange a criação de sentidos sobre nós mesmos. Ou seja, nos apresenta uma faceta paradoxal na qual o reconhecimento possibilita tanto a criação de si mesmo e do mundo quanto a interação de ambos, ao mesmo tempo em que estes surgem como fruto da capacidade de reconhecer.

Nesse ponto o reconhecimento da mãe pelo vir a ser mostra-se um ponto importante, não apenas por engatar a dinâmica de dupla via do reconhecimento, mas também por oferecer as ferramentas necessárias para esta interação constitutiva. Benjamin (1988/1996) afirma que a aceitação do reconhecimento pela presença materna se apresenta como um símbolo de mutualidade fundamental, que surge apesar da desigualdade inicial entre o cuidador e o bebê. Este processo de reconhecimento de uma existência que passa a afirmar-se por si só e em separado do corpo e do tecido fantasmático da presença materna, possibilita que a diferenciação comece a ser desenhada a partir de um movimento que reconhece a existência do infante para além de uma extensão corporal e psíquica da mãe, permitindo que ele passe a poder existir para si mesmo e por si mesmo, e possa desenvolver sua singularidade.

Seguindo esta linha, afirmamos que, em um primeiro momento, o *ser*, em sua continuidade, se dá em decorrência da introjeção de um movimento de afirmação da espontaneidade do indivíduo promovido pelo reconhecimento que é realizado por um outro. Este outro, inscrito no regime das semelhanças,

promove uma sustentação da própria personalidade do *si-mesmo* do indivíduo até que este possa se sustentar. O regime das semelhanças se baseia no reconhecimento do outro como semelhante ao mesmo tempo em que a espontaneidade é expressa e reconhecida. Este regime atua como um norte em termos de *ser* que informa ao indivíduo em formação como *tornar-se-ser*, *sentir-se-ser*, *se afetar* e *se expressar* no mundo habitado tanto por sua potencialidade quanto por seu par diádico. Esse movimento de bússola, juntamente com o acolhimento da espontaneidade do indivíduo permite que o mundo e os objetos à sua volta sejam reconhecidos e relações possam ser estabelecidas não mais no modelo da díade, mas a partir da presença de um terceiro e da terceiridade, como veremos na entrada do pai. É justamente nesse ponto que a função de reconhecimento ganha centralidade no processo de constituição subjetiva. Assim, a díade inicial expressa seu lugar fundamental a partir de um reconhecimento duplo que fornece ao vir a ser as ferramentas necessárias ao tornar-se ao mesmo tempo em que promove em seu cuidador também a afirmação de seu lugar de cuidado na medida em que passa a ser reconhecido. Ou seja, a dinâmica das semelhanças nos apresenta um ponto basal do reconhecimento: *ele é constitutivo ao longo de toda a vida, promovendo modificações e complexificações dos indivíduos no decorrer de suas interações*. É deste movimento de dupla via que emerge uma interação particular entre vir a ser e a presença materna.

Neste ponto temos que, na medida em que o bebê estabelece uma vinculação e cria um movimento comunicativo com a mãe que passa a perceber suas especificidades e começa a também reconhecer sensivelmente as particularidades desta relação, torna-se possível a construção de um movimento identificatório com a mãe. A identificação aqui ganha ares constitutivos na medida em que possibilita que o indivíduo em formação introjete aspectos próprios da mãe não como objeto, mas como ser semelhante. A mudança do movimento de introjeção sobre aspectos de um objeto em prol da introjeção de aspectos de um indivíduo vivo nos coloca diante de um movimento que se dá sobre um indivíduo que também se encontra em modificação e complexificação constantes. Esta perspectiva nos lança diante de um bebê que atua ativamente em seu próprio processo de constituição subjetiva. Da mesma forma, seu movimento de criação sobre o mundo com o qual interage vai para além da ideia winnicottiana segundo a qual o mundo é criado e passa a existir na medida em que é percebido (WINNICOTT, 1953/2019). Aqui, os outros de fato são criados e modificados na medida em que são afetados pelo reconhecimento que é lançado sobre eles. E aqui, para além de pensarmos uma introjeção categórica e uma projeção maciça estamos diante de um movimento introjetivo no qual

os conteúdos que passam a compor o mundo interno não são recebidos passivamente, mas trabalhados ativamente e (re)criados como parte de si. A projeção não é apenas lançada sobre o outro que a recebe e passa a *compor-se* com seu conteúdo, ela é lançada sobre um receptor que a acolhe e (res)significa, atribuindo-lhe um sentido particular.

Esta forma de olhar a relação primitiva e constitutiva que se estabelece abre as vias desta interação para uma vertente comunicativa em termos não apenas relacionais, mas também constitutivos. Afinal, *“comunico ao outro quem eu sou, ele recebe esta mensagem. Ao reconhecê-la modifica-se em função dela. Sua resposta à minha mensagem me transmite traços de quem ele é, ao mesmo tempo que reflete o que de mim foi percebido por ele. Esse conjunto de traços são percebidos por mim e modificam quem eu sou”*. Essa dinâmica nos permite reconhecer a importância e apresentação da especificidade de cada sujeito sobre as vinculações que estabelece e os reconhecimentos que recebe. É claro que devemos destacar que esta forma de relação segue uma linguagem que não pode ser posta em palavras. É uma vertente comunicativa que se estabelece nas linhas do afeto a partir de um constante movimento de afetar e ser afetado pelo outro. Esta forma de interação refere-se a uma qualidade da experiência que se dá diretamente em decorrência do encontro de duas pessoas, envolvendo a vitalidade afetiva da relação.

Atingido certo grau de estabilidade e coesão, o *self* do infante já é capaz de se sustentar por conta própria. Aqui, a semelhança cede lugar para que as diferenças sejam percebidas e, com essas, o distanciamento gradual entre estas duas figuras e a entrada de um outro adulto com o qual a criança poderá estabelecer uma relação também dual, mas que carrega ares da teceiridade. A teceiridade se enuncia como o contorno transformacional que a experiência do terceiro pode adquirir a partir da entrada do pai – ou quem quer que o substitua – após a vivência de uma relação satisfatória com a mãe na díade. Afinal, o espaço potencial como apontado por Winnicott (1953/2021) se configura desde os primórdios da interação mãe-bebê como o intervalo necessário para que a própria intersubjetividade possa se estabelecer assim como o posterior reconhecimento de outros a partir da apreensão de suas particularidades distintas. Dito de outra forma, é esta comunhão de espaços *entre*, já expressa como um terceiro elemento mesmo nos primórdios da dualidade, que possibilitará que a figura paterna – ou quem quer que a substitua – possa ser reconhecido como um outro.

Contudo, o afastamento e abertura da díade não se apresenta como algo facilmente aceitável para a mãe ou para o infante em um tempo X maior do

que os intervalos necessários para que a mãe possa executar movimentos de saída, a fim de experienciar sua maior integração já alcançada. Por um lado, caso a afirmação da diferença e independência não se sobreponha à necessidade onipotente do par diádico de manter-se mutuamente inserido nesta dinâmica, poderá ocorrer um movimento de crise na dinâmica do reconhecimento. Esta crise no reconhecimento acabará por confrontar a capacidade de independência das duas figuras componentes da díade inicial (BENJAMIN, 1995). Por outro lado, o processo de reconhecimento de maneira natural, na saúde, se inicia a partir de uma comunhão das duas figuras (WINNICOTT, 1956/2000), a partir da qual se dará uma abertura e adaptação em decorrência das quais poderão ser percebidas as necessidades e vontades uma da outra. Esta abertura suficientemente boa, que carrega consigo as falhas inevitáveis a um movimento adaptativo inscrito a partir de um desequilíbrio próprio à assimetria entre mãe e bebê, culmina no reconhecimento de ambas como unidades independentes, porém, capazes de estabelecer proximidade e semelhança apesar das diferenças constitutivas de cada uma. Nesse sentido, nos direcionamos ao estudo de uma segunda relação dual com a qual pode ser desenvolvido justamente o registro das diferenças. Nos referimos aqui à dinâmica que será estabelecida com o pai, ou quem quer que o substitua.

## **O relacionamento paterno-infantil e o terreno das diferenças**

Nos dedicaremos agora ao estudo do lugar que a presença paterna adquire ao longo do processo de amadurecimento do indivíduo. Para isso, adentraremos um terreno no qual mesmo diante do estabelecimento de relações diádicas, a presença de um segundo adulto se mostra fundamental tanto para o nascimento subjetivo do pai, ou outra figura que venha a substituí-lo no lugar que irá desempenhar, quanto no florescer do *vir a ser*. Trabalhando o amadurecimento psíquico a partir da dinâmica do reconhecimento, nos deparamos com a importância de um segundo adulto disponível ao infante em fases iniciais do amadurecimento, uma relevância que se destaca para além e anteriormente à instauração do complexo de Édipo.

Winnicott (1960/2007) aponta que um amadurecimento saudável depende de um ambiente suficientemente bom, o que também abrange o cuidado paterno. Seguindo as considerações do psicanalista inglês sobre o alvorecer psíquico, o cuidado paterno pode ser pensado em três estágios, que se dão de maneira sobreposta e interligada, variando de acordo com o estágio do ama-

durecimento emocional no qual o lactente se encontra. Estes estágios seriam, o *holding*, a presença deste segundo adulto no *quando* da relação dual entre mãe e lactente e a presença paterna em uma relação triangular entre o primeiro, a mãe e a criança.

Como sabemos, inicialmente a criança ainda se encontra inserida na dependência absoluta, momento no qual a centralidade sobre seu desenvolvimento envolve todo o conjunto de cuidados que lhe são dedicados, o que implica a formação de uma amálgama identitária entre ela e o ambiente responsável por seus cuidados, uma díade que, como vimos, se encontra referida à relação estabelecida com a mãe. Esta por sua vez pode ser exercida por outras figuras que não apenas a mãe biológica desde que estejam disponíveis e adaptadas a fim de promover a sensação de continuidade a partir dos cuidados exercidos ao vir a ser. Desta forma, o pai, ou quem quer que o substitua poderá atuar, neste momento inicial, como mãe substituta, a fim de sustentar o infante e sua personalidade em formação nos momentos intervalares em que a assimetria entre ele e a mãe faça com que esta direcione seu foco para outros aspectos de sua vida e desejos para além do bebê. Por outro lado, o segundo adulto também teria importante papel na preparação do ambiente para que a mãe possa ingressar no estado de preocupação materna primária e dedicar-se ao cuidado e construção do ambiente do lactente. Nesse sentido, a presença paterna representa um papel de mediação fundamental entre o mundo e a díade mãe-bebê, o que implica consequentemente a construção do ambiente no qual o infante se insere e a manutenção deste.

É justamente na assunção pela presença paterna tanto do lugar de mãe substituta quanto de mantenedor do meio no qual a presença materna poderá ingressar e permanecer no estado de preocupação materna primária que nos leva a afirmar o *holding*, assim como todo o conjunto de cuidados e a própria continência, como descentrados da presença materna e referidos também à presença paterna. Ou seja, tal consideração passa a referir a faceta do que estamos habituados a chamar de maternagem suficientemente boa não apenas à presença materna, mas também à paterna.

Claro que podemos nos questionar se tal pensamento influenciaria a manutenção de uma continuidade e constância fundamentais, assim como permitiria a adaptação necessária ao desenvolvimento psíquico. Sobre isso, consideramos que o principal é a inscrição deste segundo adulto na construção do ambiente inicial do lactente, o que de certa forma já é obtido em seu papel de mediação e rede de sustentação para a mãe. Sua presença já é sentida e percebida pelo infante, mesmo que apenas em termos ambientais e não de

maneira separada em duas figuras distintas, mas sentindo-o como um todo, o que nos coloca desde já diante da presença e importância de uma outra figura mesmo quando só é possível ao infante o estabelecimento de relações diádicas.

Passado o estado de não percepção da diferença entre o Eu e o mundo, o infante começa a, gradativamente, reconhecer o ambiente como algo diferente de si. O reconhecimento desta diferença se dá de maneira gradual a partir do registro do mundo como semelhante à figura na qual eu me represento. Ou seja, apesar de o ambiente começar a ser percebido como separado, ainda é reconhecido a partir do registro da semelhança. É a partir deste movimento próprio ao terreno das semelhanças que as pequenas diferenças passam a ser percebidas e apreendidas, o que possibilita também o reconhecimento da diferença entre as duas figuras de cuidado em cena.

Benjamin (1995) propõe que, no início do processo de amadurecimento, quando o vir a ser ainda se relaciona com o mundo de forma diádica, a criação de uma díade não se dá apenas com a mãe, mas também com o outro adulto presente e disponível a criar o ambiente propício no qual a maternagem poderá ser exercida. Nesse sentido a autora propõe que, também com o pai, se dará uma forma de amor identificatório anterior à capacidade de estabelecimento de uma relação com um objeto de amor distinto de si. Este movimento de identificação se dá diadicamente de maneira simultânea com ambos os componentes do par parental formando uma abertura identificatória que possibilita ao indivíduo o reconhecimento de características no outro a partir das quais não apenas passa a reagir, mas pode também tornar-se.

Gradativamente ao longo do amadurecimento, o infante começa a distinguir a presença das figuras de cuidado, continuando a elaborar suas características a partir de movimentos identificatórios que irão impactar a formação de seu *self*. Enquanto, tradicionalmente, a presença materna se apresenta como precursora de um objeto de amor externo composto a partir da complementaridade e da semelhança, a presença paterna surge na dinâmica identificatória a partir do reconhecimento das diferenças e de um movimento de separação do indivíduo em formação e seu entorno.

Sobre isso, Winnicott (1969/1989) destaca a importância fundamental da saída do pai de uma posição de substituto da presença materna para ser reconhecido pelo infante como figura total que irá apresentar à criança a silhueta de uma pessoa integral. Caso o infante não possa contar com a presença desta segunda figura de cuidado, sua jornada de amadurecimento passará por um caminho mais árduo. Desta maneira nos vemos diante da presença de um outro, com quem a criança poderá se identificar já a partir do registro das dife-

renças, mas ainda sob os moldes de uma relação dual. O estabelecimento de um relacionamento com uma figura que já pode ser reconhecida, ainda que a partir do regime da semelhança, apresenta ao indivíduo em formação a possibilidade de ele mesmo poder se constituir como um ser integral e dotado de especificidades que lhe serão próprias.

Nesse sentido, a paternidade apresenta ao infante a possibilidade de direcionamento ao mundo externo, representando a separação, apresentando o desejo e o movimento de atividade (BENJAMIN, 1995). *O importante aqui é a presença de um segundo sujeito, cuja capacidade de ser já fora alcançada e ao qual seja possível assumir o lugar deste com quem o infante poderá desenvolver uma segunda relação diádica na qual outras formas de ser e relacionar-se com o mundo poderão ser experienciadas.* A ideia de que este papel seja assumido por um segundo adulto se baseia na possibilidade de que a presença materna continue atuando como um continente seguro ao qual o infante poderá retornar quando necessário, até que consiga sustentar por si próprio sua integração, personalização e realização.

Outro ponto importante levantado por Benjamin (1995) é que, este segundo adulto com o qual o infante poderá estabelecer uma segunda relação diádica de diferenciação *se apresenta ao bebê como uma figura aberta ao mundo externo*, desejante de objetos e relações para além da díade. A instauração de um rumo ao mundo externo que é percebido como desejável através dos olhos de uma figura com a qual o infante é capaz de se identificar, auxilia no processo de constituição subjetiva e integração da personalidade. Esse segundo adulto com quem cria-se uma nova díade apresenta ao vir a ser um modelo diádico com o qual é possível se identificar em uma dinâmica distinta daquela posta pela presença materna, que se inscreve a partir de uma complementaridade necessária. Embora a complementaridade e semelhança possam se dar no regime de diferenciação entre o infante e o mundo, este ainda pode ser sentido neste momento do amadurecimento como *distinto*, porém, *parte*. Ou seja, a possibilidade de uma identificação que traga a inscrição da diferença torna possível que o mundo, além de ser sentido como distinto seja reconhecido como acessível ao indivíduo, estando disponível para o estabelecimento de relações e vinculações. Nesse sentido, Cintra (2018) destaca a importância da presença e descoberta do outro em seu estatuto de ser separado e distinto, capaz de promover o estabelecimento da alteridade não como forma de negação de si, mas de modo afirmativo no processo de constituição subjetiva. A autora ainda aponta que este reconhecimento mútuo apresenta um papel fundamental na consolidação de uma autoafirmação de si capaz de retirar o indivíduo de



uma dinâmica infundável de dominação na qual o outro é dotado da potência capaz de atribuir significação, sentido e atividade sobre sua vida.

A importância desta capacidade do objeto de estabelecer uma vida própria que lhe permita reconhecer que sua existência independe de sua onipotência já havia sido trabalhada por Winnicott (1958/2007, 1963/2007, 1953/1975) diante da sobrevivência do objeto e constituição do círculo benigno. Afinal, seguindo o proposto por este autor, após um momento inicial no qual a experiência de mutualidade inserida na dependência absoluta cede lugar às falhas do objeto, este começa a, gradativamente, ser reconhecido como independente do mundo interno do bebê. Concomitante a este movimento, a coesão e integração internas começam a possibilitar a apreensão de um objeto também integral, promovendo a percepção de que o mesmo objeto ao qual a voracidade é direcionada também é fonte de cuidado e foco de amor. A voracidade direcionada ao objeto se encontra referida justamente a sensação de onipotência à qual a própria existência do objeto se encontra referida. Deste modo, a existência interna do objeto se direciona à onipotência infantil, que é posta à prova diante das falhas que gradativamente começam a ocorrer em paralelo à sobrevivência do objeto. A voracidade se depara então com a destruição fantasmática do objeto ao mesmo tempo em que este, ao ser capaz de resistir aos ataques do infante, se mantém vivo no mundo.

Esta dinâmica possibilita a percepção de que a existência do objeto possui sua vitalidade própria com a qual é possível estabelecer relações e vinculações reais. Da mesma forma, quando o objeto é capaz de sobreviver externamente aos ataques do infante, mesmo após um movimento de ataque intenso ao objeto interno – além da culpa inerente à voracidade proferida contra o objeto que também é amado – surge o senso de potência e iniciativa sobre si mesmo. O indivíduo passa gradativamente a se reconhecer como agente de suas próprias ações e intencionalidades.

O estabelecimento de uma relação objetal com uma figura capaz de proporcionar os limites à própria onipotência do infante, mesmo estando ainda inserido em uma dinâmica diádica permite a instauração de uma mutualidade escópica que abre precedente para o reconhecimento de si mesmo como independente do outro no sentido de apropriar-se de si. Tal ponto retira o indivíduo de uma dinâmica na qual sua própria existência demanda do outro um olhar constante capaz de afirmá-la, o qual Benjamin (1988/1996) reconhece como fonte de dominação narcísica nas relações. A possibilidade do estabelecimento gradual de um distanciamento promotor de diferenciação com o objeto possibilita que o indivíduo atribua valoração ao mesmo e à relação, não

baseando a manutenção desta na continuidade de um regime de controle onipotente, mas na possibilidade de construção de uma relação pautada na vinculação verdadeira com o outro (BRUM, 2021). Esta por sua vez abre espaço tanto para que a presença do objeto seja suportada e mesmo desejada apesar das frustrações e imperfeições inevitáveis em prol da manutenção da relação estabelecida que se encontra referida ao terreno do *prazer da experiência* (*Id.*, *Ibid.*), quanto a sensação de conforto e segurança de que suas próprias imperfeições e falhas também serão acolhidas e suportadas pelo outro. Ou seja, aqui surge o espaço necessário para que a potencialidade de ser se complexifique em direção à criação de algo próprio, um ser singular e capaz de viver no mundo compartilhado. O sentimento de que o outro será capaz de permanecer apesar das falhas do indivíduo em formação desencadeia a segurança de que a vinculação e relação mútua são confiáveis, promovendo a segurança de que sua própria existência se manterá reconhecida mesmo diante das assimetrias e desencontros próprios às relações que se constroem no terreno das diferenças no qual as duas figuras podem coexistir, se comunicar e afetar não mais de forma direta como no terreno das semelhanças mas em uma área intermediária referida à transicionalidade. É justamente o sentimento de esperança que esta dinâmica promove que apresenta ao indivíduo o modelo de uma relação capaz de sustentar a entrada e direcionamento a outros objetos e assim, uma abertura ao mundo.

É a partir de um processo identificatório com o segundo adulto que o infante poderá dar início ao seu próprio processo de direcionamento ao mundo externo e construção de um tecido desejante próprio. Ao mesmo tempo, é justamente a possibilidade de identificar-se com esta figura que torna possível suportar a gradual perda de controle que se estabelece sobre a presença materna.

O que desejo ressaltar é a importância de um segundo adulto, não necessariamente um homem ou um pai, com quem a criança possa formar uma segunda díade. A principal característica dessa pessoa, ou posição, ainda não é que ela ame a mãe e sele o triângulo, mas que ela crie o segundo vetor, que aponta para fora e sobre o qual o triângulo pode ser formado. A identificação com um segundo outro como um “sujeito semelhante” torna a criança imaginativamente capaz de representar o desejo pela palavra externa (BENJAMIN, 1995, p. 57, tradução nossa).

Nesse sentido, a mudança de perspectiva que propomos com a construção de um olhar de importância não restrito a à presença materna, mas a ser lan-

çado também sobre a presença deste segundo adulto já no início do amadurecimento se baseia na possibilidade de que a criança, em sua abertura e contato com o mundo, possa realizar um movimento de criação dos próprios ideais que irá introjetar. Esse movimento se dá em decorrência da percepção das figuras que ocupam as presenças materna e paterna em seus respectivos lugares subjetivos e inicialmente inseridas em relações diádicas. Deste modo, a presença do pai poderá ser entendida como aquela capaz de não apenas reconhecer o infante em uma relação diádica, mas reconhecer e compartilhar com este sua tendência em relacionar-se com o mundo atuando na constituição desta abertura. Esta forma de díade não apenas delimita e promove atribuições sobre o infante, mas reconhece em termos afetivos sua *necessidade de integração e diferenciação*, oferecendo-lhe um mundo desejável capaz de contribuir na complexificação de seu mundo interno em formação. Nesta relação emerge a possibilidade de que não apenas que um olhar desejoso e onipotente seja lançado sobre a criança, mas que essa possa receber um olhar de desejo e admiração a partir de uma figura que também se encontra aberta ao mundo. Nesse sentido, é justamente a partir da instauração do terreno das diferenças que o indivíduo poderá passar de uma posição de objeto – ainda incapaz de estabelecer relações com outros e de ter desejos próprios – para o lugar de sujeito – no qual relações com outros podem ser estabelecidas assim como desejos que lhe são inerentes. A partir desta passagem, o indivíduo pode começar a se delimitar e se reconhecer em sua própria existência singular.

Outro ponto é que, a díade com esta figura promove um sentimento de expectativa constitutivo sobre si mesmo, instaurado a partir de um movimento identificatório com algo a partir do qual o infante pode almejar tornar-se. Nesse processo, acreditamos que poderá começar a se estabelecer não apenas movimentos de colagem identificatória, mas recolhimento de atributos também do mundo externo que poderão ser trabalhados internamente a fim de compor a estética particular do *self*. A instauração da diferença se dá nesta dinâmica em decorrência de um duplo movimento. Por um lado, a busca identificatória que permite ao infante ter este segundo adulto como objeto com o qual busca semelhança; por outro, esta semelhança lhe apresenta a um mundo fora da díade, que também poderá ser desejado.

Pensamos ser importante neste processo que a presença materna se mantenha em seu lugar diádico de semelhança, a fim de proporcionar ao infante um refúgio seguro e contínuo ao qual pode retornar após abrir-se aos objetos do mundo. Da mesma forma, a possibilidade de construção desta abertura e cuidado com o infante, vinculada a duas figuras e não apenas a uma, possibili-

ta que o próprio contato diádico torne-se suportável para o adulto. Afinal, para o adulto já integrado e dotado de uma personalidade própria, a relação diádica pode lhe colocar em um estado de adaptação ao outro no qual o si-mesmo acaba sendo posto de lado, relação que pode fazer emergir o sentimento de agonia diante da perda dos contornos já alcançados de si. Desta forma, se torna cada vez mais importante para o adulto a presença de intervalos nos quais pode usufruir de si mesmo e alcançar novamente o sentimento de integração, fora da díade estabelecida com o infante. É a partir desta relação dual inicial com ambas as figuras parentais que o infante conseguirá em um momento posterior adentrar uma dinâmica triangular.

### **Considerações finais**

A partir do panorama apresentado, trabalhamos a importância das presenças materna e paterna em cada fase do amadurecimento do indivíduo, entendendo a jornada rumo ao ser como um constante movimento de cocriação. Aqui, nos mantemos atrelados à ideia de adaptação ambiental às necessidades do infante, na qual entendemos pautar-se também a questão do reconhecimento a partir das particularidades de cada uma das presenças. À mãe – ou quem quer que venha a substituí-la em sua forma de presença específica ao amadurecimento – atribui-se o cuidado e centramento de si e uma noção de delimitação inicial a partir de um movimento identificatório pautado em um mimetismo não reprodutivo do reconhecido no outro, mas de replicação, movimento que carrega em si desde o início as especificidades do indivíduo. Ao pai – ou quem quer que o venha a substituir em sua forma de presença ao longo do amadurecimento –, cabe desde sempre um reconhecimento mais fluido, dedicado não apenas ao infante, mas ao próprio ambiente que também engloba, em um momento inicial, a presença materna, a fim de manter a díade fundamental pelo tempo necessário até que o vir a ser possa ingressar em uma segunda díade. A partir daí o papel da presença paterna adentra finalmente o terreno das diferenças que, a partir de uma presença centrada no cuidado, mas ainda desejante do mundo à sua volta, apresenta ao vir a ser o espaço necessário para que as separações possam ser apreendidas: separações entre eu e não-eu, realidade interna e realidade compartilhada, passividade e atividade. Contemplar a jornada de amadurecimento a partir da dinâmica do reconhecimento nos permite atentar para a potência da presença das figuras de cuidado na própria formação do ser. Sendo assim, acreditamos que a temática do reconhecimento

tem pontos fundamentais tanto para a clínica quanto para a teoria psicanalítica, cujos desdobramentos poderão ser explorados em trabalhos futuros.

### Tramitação

Recebido 07/03/2022

Aprovado 06/07/2022

### Referências

BENJAMIN, J. *Beyond doer and done to: recognition theory, intersubjectivity and the third*. New York: Routledge, 2018.

\_\_\_\_\_. *Like subjects, love objects: essays on recognition and sexual difference*. Yale: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1995.

\_\_\_\_\_. (1988). *Los lazos de amor: psicoanálisis, feminismo y el problema de la dominación*. Paidós: Buenos Aires, 1996.

BRUM, S. *De Freud a Winnicott: mais além da economia do prazer*. Appris: Curitiba, 2021.

CINTRA, E. M. U. Dominar, submeter-se, libertar-se: Jessica Benjamin e os laços de amor. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 686-704, dez. 2018.

FERENCZI, S. (1931) *Análise de crianças com adulto*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-953 (Obras Completas Sándor Ferenczi, 4).

HONNETH, A. (2006). *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2021. p. 281-299.

\_\_\_\_\_. (1953). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2021. p. 13-51.

\_\_\_\_\_. (1956). A preocupação materna primária. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2021. p. 493 – 501.

\_\_\_\_\_. (1958). A capacidade de estar só. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto alegre: Artmed, 2007. p. 79-87.

\_\_\_\_\_. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artmed, 2007. p. 163-174.

\_\_\_\_\_. (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2019. p. 177-188.

\_\_\_\_\_. (1969). O uso de um objeto no contexto de Moises e o monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *Explorações psicanalíticas*. Porto alegre: Artmed, 2005. p. 187-191.

\_\_\_\_\_. (1960). Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto alegre: Artes Médicas, 2007. p. 79-87.